

Mulheres sob controle: uma análise do cerceamento da linguagem feminina em *Vox*, de Christina Dalcher

Women under control: an analysis of the restriction of female's language in *Vox*, by Christina Dalcher

RESUMO

Isabela Godarth Zanotto
isabelagzanotto@hotmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil.

Mariese Ribas Stankiewicz
marieser@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil.

O presente trabalho propõe uma análise do romance *Vox*, de Christina Dalcher (2018), enfocando em questões do silenciamento da mulher ao longo da história e do desenvolvimento de seu discurso enquanto inserido em uma sociedade patriarcal. *Vox* caracteriza-se como uma crítica à condição da mulher na contemporaneidade e, pertencendo à categoria de ficção científica distópica feminista, especula sobre um futuro sombrio para as mulheres, as quais perderiam seus direitos à linguagem verbal e, conseqüentemente, a qualquer tipo de linguagem em um Estados Unidos futurista distópico. Assim, o principal objetivo desse artigo foi refletir sobre a depreciação da linguagem feminina no romance e sobre possíveis indícios de limitação da linguagem feminina na sociedade contemporânea. Os teóricos que fundamentam as discussões acerca do discurso, do gênero e do controle dentro de uma sociedade são representados principalmente por Michel Foucault (1997), (1999) (2006) e de Michelle Perrot (2005). Constatamos que o silenciamento feminino é histórico e que ainda hoje observamos processos de silenciamento literais e simbólicos, que se devem, principalmente, ao fato de que as sociedades contemporâneas se inscrevem em estruturas patriarcais muito antigas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura norte-americana. Estudo de gênero. Silenciamento feminino.

Recebido: 19 ago. 2020.

Aprovado: 01 out. 2020.

Direito autoral: Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

ABSTRACT

The present study proposes an analysis of the novel *Vox*, by Christina Dalcher (2018), focusing on issues of silencing women throughout history and the development of their discourse while inserted in a patriarchal society. *Vox* is characterized as a criticism of the condition of women in contemporaneity and, in belonging to the category of dystopian feminist science fiction, speculates about a somber future for women, who would lose their rights to verbal language and, consequently, to any type of language in a dystopian futuristic United States. Thus, the main objective of this article was to reflect on the depreciation of female language in the novel and on possible signs of female language limitation in contemporary society. The theoreticians that support the discussions about discourse, gender and control within a society are represented mainly by Michel Foucault (1997), (1999) (2006) and of Michelle Perrot (2005). We note that female silencing is historical and that even today we observe literal and symbolic silencing processes, which are mainly due to the fact that contemporary societies are part of very old patriarchal structures.

KEYWORDS: North American literature. Gender study. Female silencing.



INTRODUÇÃO

Em *As Mulheres ou os Silêncios da História*, Michelle Perrot (2005) analisa o difícil trabalho de descrever o percurso social das mulheres, enquanto representadas por seus próprios discursos, até o século XIX, uma vez que o silêncio era parte importante de seu comportamento social. Até o início do século XX, poucos escritos femininos eram encontrados em arquivos públicos ou em cartas, diários e autobiografias remanescentes – estes depreciados até a segunda metade do século passado. Assim, diante das representações dos papéis sociais, densamente controlados por variados discursos, observamos o apagamento da história da mulher. Sua voz, quando não era literalmente calada, era virtualmente moldada pelo sujeito masculino e só começa a se revelar com maior nitidez ao longo do século XX; antes disso, estavam destinadas a se sujeitar a um poder patriarcal que as define essencialmente pelo seu espaço – o confinamento e as atividades do lar – e, especificamente, pelo seu corpo. Simone de Beauvoir sugere que o homem entende “o corpo como uma relação direta e normal com o mundo que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. [...] O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 1970, p. 10). Sendo assim, a linguagem do “ser feminino” tem se construído como uma negação, uma falta, uma falha. É relevante salientar que, em nossa contemporaneidade, embora muito tenha mudado em relação a uma abordagem do feminino e as mulheres não tenham permanecido passivas na sociedade, ainda existem inúmeras lacunas no que diz respeito a seus direitos sociais.

O romance *Vox*, da linguista e escritora americana Christina Dalcher (2018), tem como tema central a limitação do uso da linguagem oral para um público específico: o das mulheres. O livro traz à luz questões de gênero, de dominação e de vigilância e sugere que a influência da linguagem para o empoderamento feminino é crucial. *Vox* suscita questionamentos sobre como a linguagem é necessária para o desenvolvimento do pensamento crítico e o que as limitações em seu uso acarretam para a ascensão social das mulheres; pontos muito relevantes para os debates sobre o poder da linguagem e do discurso dos quais a mulher tem sido uma assídua representante nos dias de hoje. Porém, o que aconteceria se, da noite para o dia, depois de arduamente conquistarem uma série de direitos e seu espaço na sociedade, as mulheres voltassem a caminhar às margens da sociedade, pois poderiam falar somente cem palavras por dia?

Apesar de seu teor distópico, que traz as problemáticas femininas e os efeitos sociais do machismo, a religião exacerbada e as relações de poder, *Vox* (por ser recente e por ter um caráter de cultura de massa) não tem sido suficientemente analisado em trabalhos acadêmicos. Consideramos que a função da linguagem articulada pela autora, enquanto instrumento empoderador, é irrefutável. A privação da linguagem como meio de controle para desestruturar o pleno desenvolvimento do ser humano, especialmente o do sexo feminino, faz com que o romance se volte ao passado de muitas mulheres que foram silenciadas à medida que o sistema patriarcal se fortalecia. Assim, este trabalho procura oferecer uma análise de *Vox*, a partir de sua tradução ao português brasileiro feita por Alves Calado, em 2018, no sentido de verificar outras questões acerca da linguagem que Dalcher buscou explorar, como quando e em qual nível ela passa a ser instrumento

de empoderamento ou repressão, ou seja, até qual ponto ter acesso ao uso da língua e da linguagem empodera ou reprime.

Além da proposta da apresentação de um estudo de *Vox*, o principal objetivo deste artigo seria analisar a linguagem enquanto instrumento de repressão ou de empoderamento feminino e compreender que a proibição do desenvolvimento do discurso feminino poderia ser uma especulação das repreensões da mulher que ainda acontecem em nossa contemporaneidade. Para realizarmos essa análise, especialmente dois pensamentos críticos serviram de base para a estruturação da argumentação sobre como o discurso feminino encontrou seu espaço em nossa contemporaneidade, mas ainda se encontra fragilizado na densa estrutura patriarcal circundante – as elaborações de Foucault (1997) (1999) (2006), sobre a dominação dos corpos, e de Perrot (2005), para tratar das questões da dominação masculina. Isto posto, e sempre compreendendo que a linguagem e suas expressões são fundamentais para o desenvolvimento e posicionamento do ser humano na sociedade, esperamos que este artigo se configure como uma reflexão acerca do uso da linguagem como instrumento de dominação de partes específicas da população.

MATERIAL E MÉTODOS

Na primeira etapa da pesquisa, investigamos o maior número possível de estudos acadêmicos e científicos sobre *Vox* de Christina Dalcher. Isso foi muito importante porque, tendo em vista as abordagens levantadas por diversos pesquisadores, pudemos desenvolver um Estado da Arte adequado ao âmbito de nossa pesquisa. Pudemos verificar que as principais pesquisas se concentram em torno de críticas literárias, já que é uma obra recente e não inclusa no meio acadêmico de maneira ampla e, por isso, pouco são os artigos e estudos publicados acerca dela. Nesse sentido, como nossa pesquisa diz respeito ao controle das mulheres, especificamente com o cerceamento da linguagem feminina, pudemos verificar a importância do presente estudo dentro da área de Letras, especificamente, dentro da linha geral de literaturas de língua inglesa. A partir de então, pudemos elaborar uma problematização aprofundada, levando em conta as lacunas e questões não completamente respondidas em âmbito acadêmico.

Em seguida, levando-se em consideração uma perspectiva feminista e que inclui estudos de gênero fundamentada principalmente em estudos de Foucault (1997), (1999) (2006) e de Perrot (2005), foram realizadas leituras e paralelos com outros teóricos que investigam assuntos similares, para que assim pudéssemos desenvolver argumentações e uma estrutura coerente para a nossa pesquisa. A escolha desses teóricos foi relevante porque seus estudos se complementam e permitem uma análise ampla acerca do feminino, da dominação e da linguagem.

Por fim, depois de elaborado o texto argumentativo que foi feito por meio de uma análise dos textos escolhidos para fundamentar o artigo (dos autores principais e de secundários, que vieram para complementar a análise) e, obviamente, de trechos do livro que ajudaram a comprovar a fundamentação da análise feita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

LINGUAGEM E O SER MULHER

A linguagem é, sem dúvida, um instrumento de dominação – basta observarmos o processo de colonização dos povos quando a língua do dominado era suprimida, enquanto a dos dominadores tornava-se oficial. Quem tem acesso à língua ou à linguagem e pode usufruir dela consegue mover-se por meios que são inalcançáveis aos que não a dominam. Este artigo é um exemplo disso, já que sua realização só se fez possível porque quem o escreve conhece e, mais importante, tem a possibilidade de usar a linguagem a seu favor.

Nesse sentido, existe uma relação manifesta entre a linguagem e o sujeito. O conhecimento do mundo e de si próprio só é possível por meio da linguagem. O ser humano pensa, mas é pela linguagem que representa seus pensamentos, que conhece sua inserção no mundo e sua própria finitude. Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault (1999) observa que entre as palavras e as coisas existe a linguagem enunciada pelo ser humano, que, por sua vez, é enunciado por ela. Segundo Foucault (1999, p. 466-467), “tudo o que havia funcionado na dimensão da relação entre as coisas (tais como são representadas) e das palavras (com seu valor representativo) acha-se retomado no interior da linguagem e incumbido de assegurar-lhe a legalidade interna”. Se quisermos nos conhecer como seres humanos, só poderíamos ser bem sucedidos se nos entendermos por intermédio da linguagem, uma vez que não pensamos a linguagem, é a linguagem que “pensa” o ser humano. Assim, somos feitos da linguagem que utilizamos. A imagem que temos de nós mesmos é construída pela linguagem. Foucault prossegue falando que

[...] a busca das ligações intracorticais entre os diferentes centros de integração da linguagem (auditivos, visuais, motores) não é da alçada das ciências humanas; mas estas encontrarão seu espaço de desempenho, desde que se interrogue esse espaço de palavras, essa presença ou esse esquecimento de seu sentido, essa distância entre o que se quer dizer e a articulação em que essa intenção é investida, coisas de que o sujeito talvez não tenha consciência, mas que não teriam nenhum modo de ser assinalável se esse mesmo sujeito não tivesse representações. (FOUCAULT, 1999, p. 486-487).

A questão devastadora seria: quem somos nós se não temos plena liberdade para nos expressarmos pela linguagem? Se somos representados pela linguagem do outro, tornamo-nos os objetos da nossa própria história. O que importaria para o ser humano se seus pensamentos não fossem traduzidos pela linguagem para representá-lo? Pois é isso o que acontece em *Vox*, quando a Dra Jean McClellan se depara com uma lei implantada por um novo governo: as mulheres só podem falar cem palavras por dia. Para garantir que essa nova atribuição seja cumprida, cada mulher usa em seu pulso um contador de palavras e, caso ultrapasse esse limite de palavras, recebe um choque que aumenta de intensidade progressivamente. Além disso, as mulheres também são proibidas de trabalhar e as meninas já não aprendem mais a ler e a escrever, uma vez que vão para escolas separadas por gênero. Sendo assim, a função social do papel da mulher se reduz, novamente, ao

de dona de casa e mãe, fazendo com que, como consequência, a escola as prepare para o silêncio.

A desconstrução das conquistas da mulher no espaço contemporâneo, que se faz por causa de uma fragilidade de sua posição em um sistema predominantemente masculino, ganha destaque na escrita de Dalcher. Dessa maneira, em *Vox*, a escritora apresenta essa limitação do discurso, da linguagem, da liberdade e da dignidade, como força do direito que, nesse caso, é negado à mulher. A linguagem subjacente, ou seja, a linguagem que consegue produzir com as cem palavras diárias serve para a construção de um novo sujeito feminino nascido de suas próprias memórias da história silenciosa das mulheres do passado. Nesse sentido, o romance serve como uma crítica daquilo que não deve ser esquecido e, também, daquilo que é frágil e incoerente dentro do universo feminino. Uma das coisas que Jean diz ter aprendido é que “[...] você não pode protestar contra o que não vê se aproximar” (DALCHER, 2018, p. 26). *Vox* nos faz refletir que ainda é necessário que insistamos em ações pelo direito e pela expressão do ser – seriam ações para que esta estrutura em que vivemos seja repensada e transformada. Dalcher elabora uma personagem bem consciente do posicionamento da mulher naquela sociedade: Jackie Juarez, vista por todos como uma histórica sensacionalista que constantemente acaba aparecendo na TV.

A linguagem é um dos principais meios de dominação. Ela é demasiadamente política e procura lutar pelo poder, pelos diversos poderes de uma sociedade. Em nossa contemporaneidade, a mulher ainda se encontra em processo de resistência, em processo de garantir seu poder, de empoderar-se, o que faz com que haja sempre uma reação contrária ao seu posicionamento. Foucault observa que as relações de poder

[...] suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante. (FOUCAULT, 2006, p. 232).

Sendo assim, é por meio do discurso que a grande maioria das mulheres acaba por internalizar os valores, as leis, os rituais ou as tradições, entre tantos outros pontos, do universo patriarcal, podendo resistir a eles ou, então, participar ativamente e efetivamente de sua própria doutrinação para o papel da mulher na sociedade, quando acabam por ver o homem como superior a elas próprias. É o discurso patriarcal o responsável pelo apagamento da voz feminina, que vai induzir a mulher a ser conivente com a ideia de que foi feita para ser mãe e cuidadora do lar, e que sua voz é imprópria em diversos segmentos da sociedade.

UM FUTURO SOMBRIO – CONTROLANDO AS MULHERES

Vox, em um âmbito geral, pertence ao gênero de ficção científica, que apresenta inúmeras ramificações e subgêneros o que, muitas vezes, faz com que um texto literário que amplamente seja considerado de ficção científica seja de difícil categorização. Atwood, por exemplo, nega chamar *The Handmaid's Tale* de

ficção científica, preferindo, ao invés disto, ficção especulativa. Ela veementemente afirma que “[f]icção científica tem monstros e espaçonaves, [mas] ficção especulativa poderia realmente acontecer”¹ (ATWOOD *apud* GORDON, 2004, p. 23). No entanto, críticos e estudiosos têm enfrentado grandes obstáculos para definir a ficção especulativa.

Mesmo entendendo a grande proximidade de gênero entre *Vox* e o romance de Atwood, adotamos uma terminologia mais específica e que encontra o respaldo de muitos críticos da ficção científica, ou seja, ficção científica distópica feminista. Gordon sugere que textos de ficção científica que versam sobre uma natureza feminista distópica “tem muito em comum com extrapolações feministas de cenários pós-apocalípticos (particularmente holocausto nuclear e ambiental), resultando em grandes mudanças sociais”² (GORDON, 2004, p. 22).

Em abordagens mais amplas, a distopia, que é uma assídua característica de textos de ficção científica, geralmente tem sido contraposta com a utopia. Nesse sentido, de modo geral, a distopia seria o contrário da utopia, já que, nesta, a sociedade é considerada ideal e, portanto, livre de quaisquer problemas e, naquela, muitos problemas existem e são geralmente mostrados de uma maneira exagerada. Para *Vox*, ao contrário de muitos textos distópicos, há uma solução, há um final feliz: há a reversão do regime. Embora já esteja vivendo no Canadá quando tudo volta ao normal, ela fica sabendo que “[a]s rádios e televisões voltaram à vida; as gráficas começaram a cuspir jornais. Mulheres fizeram manifestações em silêncio até que seus pulsos e palavras foram libertados” (DALCHER, 2018, p. 317).

Sendo assim, o que acontece literalmente em *Vox* é um “vigiar” e “punir” as mulheres de forma muito constante. Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1997) mostra como esses regimes podem ser realmente comparados a prisões, especialmente as do modelo Panóptico, proposto por Jeremy Bentham, uma vez que, a partir dessa estrutura, os administradores de prisões, hospitais, escolas, indústrias ou manicômios poderiam facilmente observar e controlar os indivíduos, recompensando-os ou punindo-os de acordo com seus comportamentos. Ao procurar por segredos do e provas contra o governo, Jean até compara a situação em que vive com a de 1984, de George Orwell (1949):

Para nós a coisa não é tão ruim quanto para Winston Smith, tendo de se agachar num canto cego de seu apartamento de um cômodo enquanto o Grande Irmão vigia através de uma tela na parede, mas temos câmeras. Há uma na porta da frente, uma na dos fundos e uma acima da garagem, apontada para a entrada de veículos. (DALCHER, 2018, p. 194).

Em sociedades altamente controladoras, todos podem ser vistos. Há uma vigilância contínua, caracterizada pela propagação de câmeras espalhadas por toda a parte. Em uma sociedade onde o corpo define quem somos, um sistema pode nos controlar por meio de nossos gestos, comportamentos, hábitos e

¹ “Science fiction has monsters and spaceships; speculative fiction could really happen” (ATWOOD *apud* GORDON, 2004, p. 23).

² “[...] has much in common with feminist extrapolations of post-apocalyptic (particularly nuclear and environmental holocaust) scenarios resulting in massive social changes” (GORDON, 2004, p. 22).

discursos; pode adestrar e aprimorar nossos corpos. Foucault (1997, p. 29) afirma que “[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais.”

Certamente, em nossa contemporaneidade, as mulheres não são mais indiferentes ou passivas ao discurso patriarcal. O silêncio que reinava no universo feminino de séculos passados deve permanecer como uma memória da história da qual as mulheres foram protagonistas. O silêncio e o silenciamento feminino fazem parte da história, como afirma Perrot, e foi veementemente imposto por políticas elaboradas por homens, porque

[t]eme-se sua conversa fiada e sua tagarelice, formas, no entanto, desvalorizadas da fala. Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História. Imagina-se, sabe-se que as mulheres não deixaram de fazê-lo. Frequentemente, também, elas fizeram de seu silêncio uma arma. (PERROT, 2005, p. 10).

Ao longo do processo de resistência, sentimos uma constante apreensão acerca da estrutura patriarcal já estabelecida, já que os “dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História” (PERROT, 2005, p. 10). *Vox* procura lembrar-nos dessa história, pois, analogamente à sociedade que controla a linguagem das mulheres no romance, vislumbramos o seu silenciamento no passado (e por vezes no presente), com o qual, ao lado dos efeitos do patriarcalismo, elas têm dialogado.

CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, buscamos uma relação dialógica entre o romance de Dalcher e as mudanças sociais que a repressão, com destaque para a do discurso feminino, pode causar. Historicamente, esse processo vem acontecendo e se repetindo; se não pelo silenciamento literal, pelo silenciamento moral, físico, psicológico e sexual. Na história, tacitamente, definem-se classes sociais como “dignas” e “indignas” – analogamente, os gêneros podem ser pensados dessa maneira. Há quem controla e quem é controlado; quem manda e quem obedece; quem fala e quem escuta. Os ataques aos marginalizados sempre aconteceram de forma semelhante à descrita em *Vox*: lentamente, sem a maioria da população se dar conta – até que, um dia, o mundo desperta diferente, pior para uma parte da população que, mesmo sendo maioria em número, são minoria em direitos.

Assim, esta análise de *Vox* configura-se como uma reflexão sobre o tema da voz da mulher ou do silenciamento feminino que são constantemente trazidos à luz, mas, muitas vezes, de forma depreciada e negligenciada. É importante que haja mais reflexões acerca da importância da participação da mulher em cargos públicos e em decisões políticas e sociais. A ideia sobre a qual todo o romance de Dalcher se constrói tem a ver com a acomodação dos eleitores na escolha de seus governantes, o que, certamente, fortalecerá seus sentimentos de culpa no futuro – Jean lembra: “[...] começou há duas décadas, na primeira vez em que não votei, nas vezes incontáveis em que disse a Jackie que estava ocupada demais para ir a

uma das suas passeatas, fazer cartazes ou ligar para meus congressistas” (DALCHER, 2018, p. 15). Olhar para o passado pode ser doloroso, mas é essencial para que os erros históricos não se repitam, desse modo, as próximas gerações podem olhar para nosso presente (e seu passado) com orgulho e sem dor.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo 1 – fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

DALCHER, C. **Vox**. Trad. Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2018.

FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **As palavras e a coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GORDON, K. Understanding speculative fiction: the genres of fantasy and science fiction. **mETaphor Journal**, University of Sydney, n. 3, p. 21-27, 2004. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/331249473_Understanding_Speculative_Fiction. Acesso em: 23 jun. 2020.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.